

José Roberto Santos Neves

Obrigado, Civita!

José Roberto Santos Neves

neves-jose@uol.com.br

Sou apaixonado pelo jornalismo. E, como em todas as paixões, tenho meus momentos de desilusão com a profissão. Fico triste com notícias sobre o fechamento de jornais em todo o mundo. Pode soar ultrapassado para alguns, mas tenho uma relação afetiva com o papel, gosto de manusear as páginas, dobrar, marcar uma informação que me interessa. Poucas coisas me emocionam tanto como uma reportagem bem apurada, bem escrita, com observação, descrição, contextualização. Esse encantamento se estende a publicações anteriores à minha geração.

Foi assim ao saborear o artigo de Roberto Civita, publicado na edição de março da "Bravo!", sobre os bastidores da "Realidade", revista que circulou no Brasil entre 1966 e 1976 pela editora Abril. Em texto simples, honesto e emocionado, Civita descreve a epopeia da criação de uma publicação mensal com o espírito de sua época (o zeitgeist), uma época do amor livre, pré-Aids, de intensa movimentação estudantil pelos direitos civis e pela democracia em um país silenciado pela ditadura.

Ele nos conta que o projeto inicial era circular aos domingos em todos os jornais das grandes capitais do país. No entanto, diante da desistência dos possíveis parceiros - "Jornal do Brasil", "O Estado de S. Paulo" e "Folha de S. Paulo" - ele se viu obrigado a perguntar ao pai, o velho Victor, o que deveria fazer da vida, obtendo dele a seguinte resposta: "Faça uma revista".

A partir desse momento, Roberto mergulhou no desafio de produzir uma publicação com 12 reportagens especiais por edição, acompanhadas de ensaios fotográficos autorais, tocando em temas considerados tabus para o Brasil da ditadura, como adultério, droga, infidelidade, aborto, virgindade. Lembra com entusiasmo de uma edição especial sobre a mulher brasileira, de janeiro de 1967, que foi censurada por expor a foto de uma mulher dando à luz, falar de aborto abertamente e trazer um ensaio sobre a maternidade com a foto de uma prostituta amamentando. O passo seguinte do governo foi colocar um censor na redação, minando a produção da "Realidade" até a revista sair de circulação.

Civita narra com inefável nostalgia a influência da "Realidade" sobre a imprensa brasileira naquele momento histórico. Era o tempo das grandes reportagens, do repórter que passava um mês investigando um assunto até trazê-lo à tona com riqueza de detalhes suficientes para agradar ao mais exigente dos leitores. Havia tempo para isso, resigna-se Civita. Transcrevo a seguir o último trecho do seu artigo, uma contundente reflexão sobre o jornalismo que se faz hoje:

"(...) Ela (A Realidade) enfatizou a importância da reportagem, mostrou que a figura do grande repórter contando uma história em primeira mão era essencial. Talvez o mundo da internet, do blog, do Twitter tenha mudado esses valores, mas para mim a essência continua a mesma. Essa história da rapidez na internet, essa inundação de notícias de amadores - que eu gosto de ter como leitores, mas não como integrantes de uma equipe profissional -, para mim, não funciona. Não estou falando da plataforma, mas do tipo de texto, do enfoque. Acho que o bom jornalismo precisa de uma redação, não se esgota num indivíduo. (...). Na Realidade o texto era preparado pelo seu autor, depois revisado por um copydesk, e depois eu editava todos os textos de todas as matérias. Sentava ao lado do autor e víamos palavra por palavra, trocando isto, colocando aquilo, reordenando os parágrafos, enfim, era um texto trabalhado, não era um texto que se fazia em três minutos. Era outra história."

Obrigado, Civita, por reforçar minha paixão e crença inabalável no jornalismo.